



A Notícia

G
E
R
A
L

ENTREVISTA

Clóvis Moura

"Todo brasileiro tem um discurso democrático e um comportamento racista. Ninguém se diz racista no Brasil, mas quando a realidade étnica se apresenta o seu comportamento é outro e o seu discurso desaba"

Sociólogo critica "cinismo étnico" no país

Clóvis Moura argumenta que preconceito contra o negro está disseminado no cotidiano do brasileiro e não só na elite

O sociólogo, jornalista e poeta Clóvis Moura, autor de uma dezena de livros sobre a questão do preconceito racial no Brasil, não costuma fazer concessões sobre o tema. Ele taxa de "cinismo étnico" a maneira disfarçada como o brasileiro mostra o seu racismo. "O que se vê é que sob o manto da democracia racial e o seu discurso, o preconceito contra o negro é disseminado no cotidiano do brasileiro e não apenas das suas elites. Todo brasileiro tem um discurso democrático e um comportamento racista", frisa.

Moura começou suas pesquisas sobre as lutas dos escravos no Brasil em Salvador, em 1948, quando tinha 23 anos. Apesar das dificuldades e incompreensões, ele conseguiu, em

1959, ver publicada a primeira edição do livro "Rebeliões da Senzala", que mais tarde se tornou referência sobre o assunto. A partir daí surgiram outros sete livros com o mesmo tema. Atualmente duas obras suas estão saindo do prelo. Uma delas é "Os quilombos na dinâmica social do Brasil". A outra é o "Dicionário da Escravidão", que ele considera uma de suas obras mais importantes, e que trata da escravidão dos negros e dos índios. Na década de 60 Clóvis Moura trabalhou em Santa Catarina por alguns meses como diretor do "Jornal de Joinville", órgão dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Em 1982, a Universidade de São Paulo (USP) concedeu-lhe o título de "notório saber". Recentemente recusou convite para participar de um encontro na Câmara Federal onde iria ser escolhida a comitiva do Brasil ao encontro da ONU contra o racismo, realizado na África do Sul. A entrevista foi feita antes da reunião de Durban e, prevendo o seu fracasso, profetizou que não acreditava que seriam tomadas "medidas práticas radicais no sentido de erradicar o racismo nas suas variadas formas".

"No Brasil os textos dos livros didáticos estão cheios de estereótipos racistas. Neste contexto os alunos negros ao invés de adquirirem personalidades positivas e afirmativas interiorizam os valores dos dominadores racistas"

O Brasil é uma democracia racial ou é mais uma propaganda inventada pela nossa elite dirigente?

Clóvis Moura - É mais do que isto. É uma ideologia construída por essas classes dominantes e suas elites de

poder para esconder a realidade racial e social do Brasil. Num país como o Brasil que ainda não criou condições para ser uma democracia política, social e comunitária como pode se dizer uma democracia racial? O que se vê é que sob o manto da democracia racial e o seu discurso, o preconceito contra o negro é disseminado no cotidiano do brasileiro e não apenas das suas elites. Todo brasileiro tem um discurso democrático e um comportamento racista. Ninguém se diz racista no Brasil ("tenho um amigo de infância negro... minha mãe teve uma empregada negra..."), mas quando a realidade étnica se apresenta o seu comportamento é outro e o seu discurso desaba. Uma família "branca" ao saber que a filha tem um namorado negro com quem deseja casar-se toda a ideologia montada nos termos da chamada "democracia racial" vem por terra e o racismo oculto do brasileiro se manifesta de forma dissimulada ou aguda, mas de qualquer forma procurando impedir que a família se "suje" com a mancha negra... É um cinismo étnico com o qual todos, ou quase todos, concordam sabendo que é uma mentira.

O senhor acha que poderá sair alguma medida positiva do encontro em Durban, na África do Sul, contra o racismo?

CM - Muitos pronunciamentos, muitos documentos solenes e resoluções dele sairão. Isto é a retórica. No entanto, medidas práticas radicais no sentido de erradicar o racismo nas suas variadas formas, não acredito. Para começar, são inúmeras as contradições sobre o que se entende por racismo. Por exemplo, os Estados Unidos e Israel não querem aceitar que o sionismo seja considerado racismo... Ora, o que procuram discutir ao que parece não é o sionismo, mas o poder da República de Israel contra os palestinos. Ora combater-se o sionismo, ideologia que defende o mito de "raça eleita" não é ser anti-semita, pelo contrário. O problema

da abolição do sistema de castas na Índia será outro tema discutido. Nada mais natural do que se extinguir este estatuto de imobilismo social milenar. Mas será possível que isto possa acontecer com uma simples resolução de um encontro? Mas, o problema que irá dar mais discussões é o das reparações reivindicadas pelas nações africanas e, também, as compensações dos negros que foram trazidos como escravos onde houve a escravidão colonial como o Brasil. Aqui as divergências já se manifestam abertamente. Os membros da União Européia e os Estados Unidos são contrários a essas possíveis medidas. Os europeus por terem sido os beneficiados com o tráfico e com ele acumularam capitais para o deslanche do capitalismo. Os segundos por cumplicidade em primeiro lugar e depois por terem interesse em não perturbar a já precária unidade entre a União Européia e os Estados Unidos. Por outro lado a agenda é muito abrangente: "Conferência contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e a Intolerância Correlata". É um temário muito amplo e ao mesmo tempo complexo demais no estudo das suas raízes, desenvolvimento histórico e funções atuais. Por este temário (e infelizmente isto poderá acontecer...) não vá se discutir o socialismo como regime de pressão... Tudo pode acontecer porque no fundo quem está comandando o encontro são as nações brancas que se beneficiaram do colonialismo, da opressão racial, do tráfico negreiro, do trabalho escravo

"Após a Abolição o negro brasileiro foi tão desestruturado étnica e socialmente, especialmente no Sudeste e Sul, que o seu pensamento fundamental era pela sobrevivência pessoal. Daí não

***termos organizações
negras
reivindicativas,
salvando-se a Frente
Negra Brasileira em
São Paulo"***

Uma das propostas que se discute no momento é a reserva de cotas para negros nas universidades e empregos públicos? Numa sociedade miscigenada como a nossa não seria difícil definir quem é negro? Não seria melhor optar pela solução adotada pelo governador Garotinho, do Rio, que reservou metade das vagas das universidades públicas para os oriundos das escolas públicas?

CM - Não conheço em detalhes quais são as propostas do governador Garotinho sobre o problema. Mas, de uma certa forma, um não exclui o outro. Nós, no Brasil somos contra ou a favor... O problema das cotas não está sendo aplicado no Brasil em face do sistema classificatório do negro no Brasil e nos Estados Unidos. Isto não decorre da miscigenação que é um fato biológico, mas da diferença do sistema classificatório diferenciado entre o Brasil e os Estados Unidos. Lá o negro nascido de uma família de descendentes afro-americanos jamais será considerado mulato. Pode nascer mais claro e etc, mas é um negro. O sistema classificatório é genotípico. No Brasil se em uma família negra nasce uma criança mais clarinha, ela é selecionada no próprio grupo familiar como superior porque o sistema brasileiro é fenotípico. Aí é que entra o perigo dessa população que atualmente foge de ser considerada negra seja beneficiada com o sistema de cotas, assumindo repentinamente a sua negritude. Mas a médio e longo prazo venha o sistema de cotas corrigir essa alienação e os descendentes de africanos se reencontrem com as suas origens e se qualifiquem como negros. Quanto ao detalhe de dizer-se que os

brancos vão ser prejudicados, isto é retórica elitista.

Na sua opinião é mais importante atacar a discriminação racial ou combater o preconceito social, que se exacerbou nos últimos anos? O pobre - branco ou negro - é marginalizado pelo fato de não ser consumidor.

CM- Veja você, aqui mais uma vez a pergunta é feita de forma maniqueísta. Sim ou não... O combate à pobreza, à miséria e o desemprego que se exacerbou com a política Fernando Collor - Fernando Henrique Cardoso atinge violentamente os pobres, a pobreza de brancos e negros. Mas, mesmo aqui há uma escala que demonstra que neste processo a população negra é mais atingida. Em primeiro lugar em níveis de salário. O negro, exercendo a mesma função, ganha quase a metade do trabalhador branco exercendo o mesmo trabalho. Isto nacionalmente. Recente pesquisa realizada pelo INSPIR - Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial, demonstra oportunidades e desvantagens nas relações inter-raciais no mercado de trabalho. Este redutor de oportunidades surge do racismo embutido como ideologia, como já disse, e que atinge o trabalhador negro em função não da sua incapacidade profissional, mas da sua cor. Por isto achamos que os combates ao desemprego, à miséria, aos desajustes familiares daí decorrentes devem ser combatidos. Mas o racismo é um indicador agravante nesta situação neoliberal. Mesmo porque o neoliberalismo pode ter uma retórica anti-racismo. Ele é racista na sua prática política e social jogando ao desemprego, marginalização, desespero, desesperança de milhões de trabalhadores. E como são os negros que estão na base dessa pirâmide de pobreza, desemprego, desesperança, são os primeiros a serem atingidos pela criminalidade do pobre.

"Os movimentos negros de massa nos Estados Unidos, como o de Malcom X e Luther King, conseguiram mobilizar milhões de negros americanos pelos Direitos Civis. No Brasil isto não aconteceu por uma série de razões que desarticularam o pensamento radical do negro entre eles a ideologia falaciosa da democracia racial"

A educação é o melhor remédio para superar a discriminação contra o negro?

CM- A educação já foi apresentada como a panacéia para serem resolvidos os problemas da sociedade quer sociais quer raciais. No entanto atualmente não se vê mais o problema através da visão iluminista ("Cada escola que se abre é uma prisão que se fecha" etc), pois especialmente o problema racial no Brasil e em todos os territórios nos quais o escravismo colonial funcionou (especialmente no do Brasil que ele teve funcionalidade durante quase quatrocentos anos) o problema deve ser analisado de outra forma. Em primeiro lugar qual o tipo de pedagogia aplicada nesta educação? No Brasil os textos dos livros didáticos estão cheios de estereótipos racistas. Neste contexto os alunos negros ao invés de adquirirem personalidades positivas e afirmativas interiorizam os valores dos dominadores racistas. No Brasil vários trabalhos já foram feitos procurando desmitificar este conceito de que somente através da educação os negros teriam possibilidades sociais iguais aos brancos. E depois de se classificarem educacionalmente, como entrar no mercado de trabalho? Neste nível o preconceito se manifestaria da mesma forma. Sem uma revolução

social na qual esses problemas raciais e sociais sejam resolvidos, a educação será alternativa inócua para as populações negras se elas não forem consideradas desiguais pelas relações capitalistas e para serem iguais terão de ser tratadas de forma desigual.

Qual a maior consequência deixada em nossa sociedade pelos 300 anos de escravidão?

CM - Em primeiro lugar não foram apenas 300 anos de escravidão colonial, mas quase 400 anos. É difícil dizer qual foi o maior. Em cada nível da sociedade brasileira onde você vê a pobreza do negro, a sua marginalização, a sua criminalização, o ser considerado como cidadão de terceira classe, o desprezo social para com o negro, o trabalho semi-escravo, a justiça elitista e racista, a família negra desarticulada até hoje, o desamor do negro para consigo mesmo, e do próprio negro considerado a sua cor, tudo isto faz parte desta herança negativa que continua a sua funcionalidade na sociedade brasileira. Ainda a herança da escravidão é a forma como a abolição foi feita conservando o latifúndio e permitindo a formação das oligarquias regionais que até hoje dominam praticamente o Brasil neoliberal de Fernando Henrique Cardoso. Todo o arcabouço social arcaico surge dessa particularidade. Daí termos no Brasil o trabalho escravo e semi-escravo, o trabalho compulsório em vastas regiões do Brasil e o desprezo como o trabalhador no Brasil é tratado pelas elites dirigentes. Quando o trabalhador é negro a coisa fica ainda mais séria porque ele é visto no mercado de trabalho através de uma marca que o racismo impõe.

Nos Estados Unidos houve um movimento de massa contra a discriminação racial que permitiu obter alguns avanços contra o preconceito. Por que no Brasil, onde metade da população é negra, nunca

houve uma mobilização deste tipo? É verdade que negro não vota em negro?

CM- Os movimentos negros de massa nos Estados Unidos como o de Malcom X e Luther King conseguiram mobilizar milhões de negros americanos pelos Direitos Civis. No Brasil isto não aconteceu por uma série de razões que desarticularam o pensamento radical do negro entre eles a ideologia falaciosa da democracia racial. Mas outros fatores entraram. Após a Abolição o negro brasileiro foi tão desestruturado étnica e socialmente, especialmente no Sudeste e Sul, que o seu pensamento fundamental era pela sobrevivência pessoal. Daí não termos organizações negras reivindicativas, salvando-se a Frente Negra Brasileira em São Paulo. O negro não encontrou nenhum pólo de protesto que o articulasse em nível nacional para exigir os seus direitos. Foi uma realidade de lumpenização do negro brasileiro como não houve em nenhum lugar do mundo. Após a Abolição ele perdeu a sua identidade étnica em vários níveis. Daí não se articular como o negro americano que possuía muitas organizações paralelas para reivindicar. No entanto, antes da Abolição ele lutou radicalmente contra a escravidão. Estão aí o exemplo da república de Palmares e das revoltas baianas que culminaram com a de 1835 quando os chamados malês quase tomaram de assalto a capital baiana. Certo que estas razões não são suficientes para explicarem porque o negro perdeu parcela da sua confiança radical e ainda prefere votar nos partidos dos brancos. Mas já há uma rearticulação dos movimentos negros atuais de resgatarem esta dívida.

Manchetes AN

Das últimas edições de Geral

[23/09-Homenstambébuscamreposiçãohormonal](#)

[22/09-Adiada decisão sobre credenciamento no Sul](#)

[21/09-Ameaça de bomba assustou a Capital](#)

[20/09-CPI vai investigar roubos de cargas em SC](#)

19/09-Planejamentosterãoincentivos

18/09-OficiaisdeJustiçaapelamparahumorem
manifestação

17/09-NeveatingetodaregiãodoPlanaltocatarinense

Copyright © 2000 A Notícia - Fone: 055-0xx47 431 9000 - Fax: 055-0xx47 431 9100 - Rua Caçador, 112 - CEP 89203-610 - C. Postal: 2 - 89201-972 - Joinville - SC - BRASIL - [EXPEDIENTE](#)

Por: Torque Comunicação e Internet